

A GUERRA DOS SEXOS O ETERNO FEMININO FACE A FACE COM O ETERNO MASCULINO

Maria Manuela Costa

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Resumo

A fim de se analisar o padrão de sexismo masculino na sociedade portuguesa e a sua relação com a idade e a escolaridade, foi efectuado um estudo que envolveu 200 sujeitos do sexo masculino, subdivididos em dois grupos de diferente nível escolar e etário.

Foram utilizados como instrumentos de avaliação do sexismo o ASI-Inventário de Sexismo Ambivalente: Sexismo Hostil/Sexismo Benevolente¹ e a SATWS-Escala de Atitudes Sexistas Face às Mulheres² e para a avaliação do estereótipo feminino uma listagem de 77 adjectivos. Todos estes instrumentos estavam validados por estudos anteriores.

Os resultados obtidos, permitiram concluir a existência de um padrão moderado de sexismo masculino em Portugal, mais evidenciado nos sujeitos com nível de escolaridade mais baixo. Os resultados mostram ainda uma imagem da mulher diferenciada, nos indivíduos que revelaram sexismo benevolente (mais afectiva e positiva) e nos que revelaram sexismo hostil (mais relacional e negativa), mas ambos os indivíduos excluem uma dimensão mais instrumental.

Preâmbulo

A “Guerra dos Sexos”, título deliberadamente provocatório, tematiza qualitativa e quantitativamente as atitudes sexistas masculinas face às mulheres na sociedade portuguesa.³

Considerou-se imprescindível proceder ao enquadramento teórico deste trabalho através de uma breve panorâmica histórico-filosófica e psicossociológica que inclui quer a problemática de alguns mitos, quer a história da sexualidade esboçada em alguns traços, quer a questão do sexismo masculino como atitude sócio-cultural.

Contextualizada a temática a abordar no decurso desta dissertação e ainda previamente ao capítulo dedicado à investigação empírica onde se abordará e se analisará a existência de um padrão de sexismo masculino em Portugal, impôs-se efectuar a revisão da literatura, a qual se constituiu como um objecto de apoio e um instrumento útil para a elaboração deste trabalho.

Desta forma, procedeu-se a uma investigação quase que diríamos exaustiva, seleccionando os estudos cujos conceitos melhor se coadunavam com os nossos objectivos e com as nossas hipóteses.

¹ Glick, P. & Fiske, S., 1996. The ambivalent sexism inventory: Differentiating Hostile and Benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70, (491-512).

² Benson, P. L. & Vincent, S., 1980. Development and validation of the sexist attitude towards human scale (SATWS). *Psychology of human quarterly*, Vol. 5(2), (276-291).

³ Esta publicação constitui um resumo da Dissertação do Mestrado em Sexologia, no Departamento de Psicologia da Universidade Lusófona, pelo que, no seu conjunto, está sintetizada, embora no que respeita à Parte III – Investigação Empírica (discussão dos resultados) tentássemos respeitar praticamente a totalidade.

Assim, esta tese fundamenta-se por um lado em estudos e artigos europeus e norte-americanos de índole teórica e, por outro lado em estudos metodológicos de índole prático-científica, nomeadamente norte-americanos, com recurso ainda a outros publicados por cientistas sociais portugueses.

Quando tentamos situar a história da misoginia, vemos que ela se reporta à ancestralidade, aos mitos ocidentais da criação (Mito de Pelasgo, Mito Olímpico, Génesis, Mito da Androginia e outros), os quais já relatam a luta pelo poder na ordem do princípio da criação.⁴ Também os mitos ligados à sexualidade referem que os malefícios que advieram para a Humanidade foram sempre ocasionados pela mulher.⁵ Contudo, devido ao poder diádico que as mulheres detêm, a misoginia foi sempre moderada por visões idealizadas da mulher (arte, literatura, cultura popular).⁶

Na literatura popular, as imagens das mulheres aí representadas são equivalentes contemporâneos destas imagens antigas da mulher, fiel *versus* perversa, sedutora, dominadora e castradora *versus* frágil, submissa e respeitadora. Assim e apesar de todas as mudanças neste advento de três mil anos, as raízes ancestrais ligadas ao preconceito do sexismo masculino mantêm-se presentes e actuais nas relações entre homens e mulheres.

Esta inconsistência de atitudes masculinas face às mulheres sugere que os homens são, desde sempre, ambivalentes no que respeita ao outro sexo.⁷ Mas, o sexismo masculino, mesmo quando expresso de um modo ambivalente, define-se sempre pela opressão das mulheres, reflectindo-se em atitudes derogatórias e em acções discriminatórias baseadas na assunção bio-cultural de que as mulheres são inferiores aos homens.⁸

Todavia, as sociedades ocidentais contemporâneas consideram o sexismo como um problema social importante e tendem a criar medidas que permitam avaliar os níveis e o tipo de sexismo que hoje em dia se pratica. As atitudes sexistas face às mulheres, foram definidas como "*atitudes que resultam do posicionamento das mulheres em situação de inferioridade relativamente aos homens, limitando-lhes o desenvolvimento social, político, económico e psicológico*".⁹

⁴ Graves, R., 1990. *Os mitos gregos*. Lisboa. Publicações Dom Quixote.

⁵ Barthes, R., 1976. *Análise estrutural da narrativa*. Lisboa. Ed. Vozes.

⁶ Tavis, C. Wade, C., 1984. *The longest war* (2nd Ed.). San Diego, CA, Hartcourt Brace Jovanovich.

⁷ Eagly, A. H. & Mladinic, A., 1993. Are people prejudiced against women? Some answers from research on attitudes, gender stereotypes, and judgements of competence. *European review of social psychology*. New York. John Wiley, (1-35).

⁸ Jaggar, A. M. & Struhl, P. R., 1978. *Feminist frameworks: Alternative theoretical accounts of relations between men and women*. New York, Mc Graw Hill.

⁹ Benson, P. L. & Vincent, S., 1980. Development and validation of the sexist attitude towards human scale (SATWS). *Psychology of human quarterly*, vol. 5(2), (276-291).

No que respeita à sociedade portuguesa, embora existam vários e importantes estudos sobre atitudes sexistas no trabalho e na família, não há, aparentemente, estudos que padronizem o sexismo masculino face à nova imagem feminina tradicional e não tradicional.

Os 50 anos de Salazarismo deixaram atrás de si gerações com elevado grau de analfabetismo e com uma tradição cultural e poder social nitidamente patriarcal, restando à mulher o papel tradicional de esposa e mãe.

Em 1974, o 25 de Abril veio marcar a diferença que, não só se traduziu numa democratização a nível sócio-laboral, como também numa liberalização sexual. A repercussão dos Movimentos Femininos ocorridos em Portugal nas décadas de 60 e 70, em que, pela primeira vez, foram abordados temas importantes para a mulher e para a sociedade, foi expressa no pós-25 de Abril. Embora a estrutura da sociedade portuguesa se mantenha aparentemente patriarcal, transformações de fundo vieram alterar o anterior "*status quo*". A fragmentação da constelação familiar tradicional e o consequente surgimento de famílias mono-parentais, assim como o espectacular aumento do acesso dos jovens de ambos os sexos ao ensino, com uma taxa mais elevada para o sexo feminino, alterou fundamentalmente a nossa paisagem societal.

O poder económico e social anteriormente detido pelos homens começou, nas três últimas décadas, a ser partilhado pelas mulheres. Ao papel tradicional da mulher doméstica, opõe-se o papel não tradicional da mulher independente e de carreira. As gerações portuguesas masculinas mais recentes defrontam-se com um problema novo, o da sexualidade liberalizada da mulher independente, consequência da sua emancipação económica, devido ao aumento da sua autoridade intelectual. Mas, será que estas mudanças estruturais ocorridas na nossa sociedade já se reflectem ao nível do interrelacionamento Homem/Mulher? Ou são tão recentes que não foram ainda interiorizadas no psiquismo de ambos os sexos?

No âmbito desta discussão, tentaremos responder a estas e outras interrogações.

Proponho configurar esta Tese em três partes distintas:

A Parte I sustenta o enquadramento teórico e é direccionada para perspectivas histórico-filosóficas. A fim de analisar as atitudes sexistas masculinas nas actuais sociedades pós-modernas, proceder-se-á a uma leitura longitudinal que, atravessando as várias épocas, irá situar e investigar o ser humano a este nível comportamental.

A Parte II caracteriza-se pela revisão da literatura, a qual é expressamente exaustiva e direccionada a estudos sobre sexismo, a fim de facultar uma informação fundamentada e detalhada.

A Parte III caracteriza-se pela investigação empírica. Articula-se sob oito parâmetros distintos, mas sequencialmente relacionados, os quais englobam a problematização conceptual, a fundamentação das pro-

postas, a escolha do objecto de estudo, o desenvolvimento metodológico do estudo descritivo correlacional, as conclusões e considerações finais.

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Modelos Bipolares – Masculino/Feminino Perspectivas Histórico-Filosóficas

Os Mitos Ancestrais nos Primórdios do Sexismo. Eros e Logos, Opostos ou Complementares?

Poder-se-ia dizer que, os *Mitos da Criação* datam dos primórdios da Humanidade, desde que esta se interroga sobre as suas origens e sobre a sua finitude. Como verdadeiros fenómenos transhistóricos e transculturais, os mitos facultam as pistas que sugerem a existência de culturas hoje perdidas, ligadas nomeadamente às sociedades ditas pré-históricas. Estas sociedades estavam profundamente imbuídas de um tecido mitológico, sobretudo cosmogónico, visto ser através do pensamento simbólico que a humanidade tentou objectivar e vivenciar o caos do espaço infinito, tentando apreender a imagem, construindo depois a ideia, a centelha que permitiu dar os primeiros passos dos princípios cognoscivos.

Poderemos afirmar que os mitos ancestrais da criação estão presentes nos primórdios do sexismo?

De acordo com estudos de cientistas sociais norte-americanos e europeus nos quais nos baseamos, o preconceito do sexismo é único e ancestral porque se radica no Patriarcado e na Reprodução¹⁰. Sendo os mitos estruturas de sentido, narrativas que fazem reviver a realidade original¹¹, ao inserirem-se nas nossas faculdades intuitivas pertencem ao domínio do não racional. Têm, portanto, uma função interpretativa e apaziguadora, um valor paradigmático na regulação mítica das relações afectivas humanas, o que nos permite reinterpretá-los sob a competência racionalizadora do Logos, procurando assim o sentido explicativo e categorizante.

E, dado que a Modernidade é fundada no reconhecimento do carácter linear e irreversível da História, a actual leitura hermenêutica dos mitos da ancestralidade, quando baseada na repetição dos arquétipos colectivos, longe de ter desaparecido, circula de forma oculta no nosso espírito contemporâneo.

*"Os mitos do domínio sexual parecem reconhecer o medo ou até a inveja que os homens sentem perante o poder que as mulheres têm de dar à luz."*¹²

Para esta abordagem histórico-filosófica, situar-nos-emos em três mitos exemplares, os quais, transpostos para a actualidade nos ajudarão a interpretar o preconceito do sexismo tal como ele é experienciado nesta época pós-moderna. São eles: o Mito Pelágico, o Mito Olímpico e o Mito da Androginia.

No Mito de Pelasgo (o primeiro Homem), é o princípio feminino que contém em potência o princípio masculino, provendo assim à Criação do Mundo.

No Mito Olímpico, embora seja o princípio feminino (Mãe Terra) que origina o princípio masculino (Urano), este torna-se de imediato no Grande Criador.

No Mito da Androginia, a oposição dos géneros masculino e feminino é apenas aparente, dado que os contrários são aspectos do Uno, sob perspectivas diferentes.

Modernidade e pós-modernidade, no contexto da sexualidade e da desigualdade

A história da sexualidade é, sem dúvida, uma história escrita e é através dos vários tipos de escrita que percorreram a humanidade que nós, contemporâneos, tentamos perceber esta nossa história, que é a história do sexo e da sexualidade e da sua influencia sobre os poderes políticos, públicos e privados criando, século após século, diferenças e desigualdades entre homens e mulheres.

No que respeita ao Ocidente, especula-se se as primeiras sociedades tinham ou não uma estrutura matriarcal. Na Europa, o patriarcado parece só ter surgido com as primeiras civilizações da Era do Bronze. O panteão grego, dominado durante muito tempo pelas deusas (Iera, Atena, Deméter), passa a ser controlado pelo poder de Zeus, o qual impõe a sua autoridade masculina a todas as divindades.

A partir deste momento histórico, é o sexo masculino que vence na Grécia Antiga, vitória essa que permanecerá nas civilizações ocidentais posteriores, constituindo-se como uma das heranças que chegou até aos nossos dias.

Quanto ao carácter religioso de que se investe a sexualidade, nomeadamente no que respeita à religião judaica e cristã, no decorrer destes dois últimos milénios, o judaísmo e o cristianismo vão sucessivamente lançando o anátema sobre o sexo, estreitando os limites, fazendo de qualquer homem um pecador.

No início, o judaísmo ligado ao Antigo Testamento não considerava o pecado original como um pecado da carne, mas sim como um peca-

¹⁰ Doise W., 1984. A articulação psicossociológica e as relações entre grupos. Lisboa. Moraes Editores.

¹¹ Malinowski, B., 1963. In Elfade, M., 1982. *Aspectos do mito*. Lisboa. Ed. 70.

¹² Husain, S., 1997. *Divindades femininas*. Lisboa. Ed. Teográfica.

do do conhecimento, logo concorrente a Deus. Embora exaltasse a sexualidade como união física e espiritual que conduz a Deus (daath), esta teria de ter um fim legítimo, casamento, procriação, no qual, à mulher, era destinado o papel passivo não só sexual mas também social.

O cristianismo é ainda mais castrador no que respeita à interpretação que faz da mulher no Antigo Testamento. A mulher é um *ser secundário e passivo na ordem da criação*, pois advém da costela de Adão, é no entanto um *ser primordial e activo na ordem da queda*, pois foi ela que seduziu Adão.

A via do pecado irá doravante corresponder à servidão da condição humana, atribuindo-lhe degradação e sofrimento, no qual o género feminino é o mais penalizado. É interessante referir que, enquanto no Antigo Testamento Deus aparece como um ser não sexualizado, no Novo Testamento Deus aparece já como ser sexuado e masculino na figura de Cristo.

Desde sempre que o cristianismo condena o corpo e tudo o que se comporta como matéria mortal, na sequência da introdução do pecado original como pecado carnal. Daí a condenação do sexo enquanto Sexualidade-Desejo. Resta apenas a Sexualidade-Reprodução, como o único fim em si.

*"Esta forma de encarar o pecado original, ligando-o ao mito do paraíso terrestre, fez com que se apresentasse às massas cristãs um discurso 'anti-natural', com um modelo de santidade que desvalorizou a vida humana."*¹³

O anti-sexualismo surgirá, no decurso dos tempos, como um refrão obsessivo, mesmo nas épocas em que existe uma maior maleabilidade de costumes. Até à época do renascimento, a condenação da sexualidade será cada vez mais prepotente. A Igreja, ao tomar em mãos as rédeas da sexualidade, sufoca a liberdade humana encerrando-a numa noção de pecado da qual, só ela, possui a chave da redenção através dos sacramentos e da penitência. Este método é tanto mais eficaz quanto é certo que o Homem reincidirá.

Esta perda da imagem primitiva do pecado original (árvore do conhecimento, concorrência a Deus), assumindo a imagem do acto carnal ligado à transmissão da vida (hereditário), reforça as estruturas familiares reabilitando parcialmente o estatuto da mulher, mas só enquanto *esposa e mãe*.

No final do século XIX, a raça e o género foram alvo de escrutínio científico intenso, e a racionalidade científica atingiu enorme popularidade e credibilidade¹⁴. A ciência tornou-se, assim, no mecanismo de investigação pelo qual as exigências pela igualdade dos direitos foram avaliadas e as políticas sociais foram desenvolvidas.

O discurso dos direitos das mulheres dependia das questões sobre as diferenças naturais entre homens e mulheres. Os investigadores das

ciências sociais e da natureza proferiam teorias elaboradas sobre as diferenças anatómicas, fisiológicas e intelectuais entre os géneros. Apesar da falta de informação empírica, os cientistas concluíram, esmagadoramente, que as mulheres não são apenas fundamentalmente diferentes, mas inatamente inferiores aos homens.

Nesta época profundamente Darwiniana, acreditava-se que as mulheres eram, não só retardadas no seu desenvolvimento, como ocupavam o grau mais baixo na escala da evolução¹⁵. Estas teorias científicas estavam de acordo com a ordem social do século XIX, que obrigava a um rigoroso isolamento e desigualdade entre os géneros. Neste esquema de complementaridade dos géneros, as mulheres estavam mais votadas aos papéis domésticos, como esposas e mães.

O escrutínio científico das diferenças entre os géneros estendeu-se também a questões de natureza sexual, reiterando as desigualdades sociais. De acordo com a inclinação alargada da ciência do século XIX sobre a diferenciação, a classificação e a distinção, os primeiros sexólogos iniciaram projectos ambiciosos para definirem o comportamento sexual dos seres humanos em categorias: *natural e não natural, normal e desviado*. Existem dois importantes aspectos desta ciência sexual os quais, como veremos, são temáticos para a abordagem da sexologia moderna da diferença dos géneros. Primeiro, os sexólogos pensaram ter descoberto a "verdade" da sexualidade na biologia e no corpo físico. Os cientistas do final do século XIX consideravam o comportamento dos seres humanos em geral como nascendo de um impulso biológico instintivo, e assim, logicamente, os sexólogos consideravam a sexualidade como um impulso inato ou força natural. Significativamente, o discurso sexológico sobre as diferenças do sexo/género ficou grandemente confinado à bio-fisiologia. Segundo, a pesquisa científica sobre sexo funcionou dentro de um clima alargado, e assim, foi influenciado pelas preocupações, anseios e relações sociais de poder existentes. Apesar do terreno intelectual da sexologia não ser apenas ditado por imperativos culturais, as ideias sobre a sexualidade masculina e feminina eram delineadas pelos desempenhos prevalentes do género.

Considerando tanto a ciência do século XIX, como a hierarquia socio-sexual das esferas separadas, foram colocadas questões sobre a natureza relativa da sexualidade masculina e feminina sob o ponto de vista da diferença. Peritos e médicos da época diferiram sobre a extensão do interesse e desejo sexual das mulheres, embora existissem evidências consideráveis que apoiavam a teoria da impassibilidade das mulheres.¹⁶ Apesar de muitos sexólogos defenderem os direitos das mulheres à expressão sexual, a sexualidade feminina foi muitas vezes considerada uma versão pálida e fraca da do homem. E, dado que as

¹³ Dehumeau, J., 1996. In Vincent, J. D., 1997. *La chair et le diable*. Paris. Éditions Odile Jacob.

¹⁴ Russett, C., 1989. *Sexual science: the victorian construction of womanhood*. Cambridge, Harvard University Press.

¹⁵ Pinto Correia, C., 1999. *O mistério dos mistérios*. Lisboa. Ed. Relógio de Água.

¹⁶ Weeks, J., 1981. *Sex, politics and society: the regulation of sexuality since 1800*. New York, Longman; Russett, C., 1989. *Sexual Science: the victorian construction of womanhood*. Cambridge, Harvard University Press.

ideias sobre sexualidade eram baseadas na biologia, o papel dominante da reprodução, como o acontecimento que define a sexualidade feminina, não podia ser posto de lado. Os papéis sócio-sexuais existentes foram então racionalizados como o resultado de um processo natural para assegurar a harmonia, através da complementaridade entre homens e mulheres.

*"Tal como a teoria contemporânea do Darwinismo social serviu para legitimar o racismo e o colonialismo, postulando uma hierarquia racial da desenvolvimento social baseada na biologia, a primeira sexologia pensou justificar a forma particular da subordinação das mulheres aos homens durante este período, afirmando a sua determinação biológica"*¹⁷.

Um estudo sobre a pesquisa sexual do princípio do século xx, reflecte a persistência da crença profundamente baseada nas origens biológicas da sexualidade e do género e nas tendências sociais da ciência.¹⁸ Este século é marcado pela assunção e clivagem de duas tendências antitéticas no que respeita à sexualidade e à fecundidade:

- Uma, afirma o desejo e o prazer, baseado na "reabilitação da carne" e na igualdade dos sexos, distinguindo sexualidade e procriação, dando origem à introdução de um novo mundo amoroso.
- Outra, baseia-se na doutrina cristã tradicional que advoga a indiferenciação entre sexualidade e procriação, radicalizando a mulher na função de esposa e mãe.

Entre estas duas tendências, existe um enorme espaço ocupado pelos que procuram libertar o casamento do adultério, do concubinato e da prostituição, tentando instituí-lo como uma instância ligada a uma sexualidade desenvolvida, baseada nos princípios da liberdade individual e da igualdade dos sexos e dos direitos.

A intervenção da classe médica, enquanto autoridade munida de saber, é verdadeiramente catastrófica em termos sócio-culturais pois, instituindo o discurso científico e a racionalidade, encerram a mulher numa determinada ideia de si própria baseada em parâmetros físicos e morais reduzindo-a a um papel social definido pelos homens.

*"A mulher é naturalmente orientada para a maternidade e deve abster-se de todo o trabalho rude. A sua vocação natural é o amor, "amor de essência sentimental", para se proteger das agressões sexuais por meio do pudor e da reserva."*¹⁹

A esta proto-sexologia, irão opor-se conceitos inteiramente novos: Freud, com a teoria psicanalítica da sexualidade, vai introduzir a sexualidade infantil e o princípio do prazer, a dupla face do humano sexuado,

¹⁷ Chauncey, G., 1983. *From sexual inversion to homosexuality: the changing medical conceptualization of female deviance*. Salmagundi, 58-59, (114-146).

¹⁸ Irvine, J. M., 1990. From difference to sameness: gender ideology in sexual science. *The Journal of Sex Research*, vol. 27, nº 1, (7-24).

¹⁹ Knibichler, Y. & Fouquet, C. (1983). *La femme et les médecins*. Paris. Hachette.

nem anjo nem demónio²⁰, Reich, irá revelar "a verdadeira natureza do poder orgástico", considerando o orgasmo como um fenómeno distinto e individual;²¹ Kinsey, com a publicação do seu famoso relatório sobre o comportamento sexual dos homens americanos, demonstra que existe uma diferença radical entre os padrões culturais em que se baseavam as normas sexuais e a natureza destas práticas. Foi nesta paisagem de rápidas mudanças científicas, políticas, sociais e económicas, que Kinsey foi o primeiro a abordar a relação entre a sexualidade masculina e feminina de uma forma tão visível e empírica. E é neste contexto que, a partir daí, se começam a abordar as questões relacionadas com a diferença entre os sexos. Numa divergência impressionante face à pesquisa científica ligada ao séc. XIX, o relatório de Kinsey alterou o *status quo*, ao declarar que homens e mulheres são mais parecidos do que diferentes.

*"Apesar de largamente difundido e repetido ênfase nas supostas diferenças entre a sexualidade feminina e masculina, não encontramos nenhuma base anatómica ou fisiológica que justifique tais diferenças"*²².

Mas ainda não era a sugestão das diferenças sexuais entre mulheres e homens que era alarmante, mas as suas conclusões, suportadas por uma revisão de dados empíricos, os quais reiteraram que, mulheres e homens, são o mesmo na sua essência. Contudo, a mudança de atitude no que respeita à divulgação científica sobre as semelhanças entre os sexos, não pode ser atribuída apenas ao progresso e ao aperfeiçoamento da metodologia científica visto que, a interpretação dos dados científicos é influenciada por aspectos sócio-políticos e culturais. Onde quer que a ideologia das diferenças tenha apoiado a ordem de géneros separados, veiculada no século XIX, a sexologia moderna realça as semelhanças sexuais e reserva uma nova estratégia político-cultural sobre a sexualidade e o género, definida por rápidas alterações no enfoque social.

Assim, o século XX é marcado pelos movimentos sociais que arrastam consigo a mudança do sistema de controlo da sexualidade. A igreja romana toma posição no que respeita aos católicos, estruturando-se em dois princípios: um que incide na moral e na educação e outro que incide na moral e na reforma das instituições. A sexualidade passa assim a ser regulada por uns, com o apoio da educação, e, por outros com o apoio da instituição.

Religião, Sexualidade, Patriotismo, são a base do discurso comum sustentado pela Igreja e pelo Estado. Ambas as instituições defendem como objectivos proporcionar à Família base social, jurídica, religiosa e democrática.

A submissão do instinto sexual à Razão e à Consciência, é o cerne da questão que é problematizada.

²⁰ Freud, S., 1966. *Les trois essais sur la théorie de la sexualité*. Paris. Ed. Gallimard.

²¹ Reich, W., 1977. *Materialismo dialéctico e Psicanálise*. Biblioteca das Ciências Humanas.

²² Kinsey, A. et al., 1953. *Sexual behavior in the human female*. New York, Pocket Books.

Médicos e padres, pedagogos e sociólogos, todos estão de acordo face à exigência da sexualidade *versus* procriação.

Em contracorrente, intensificaram-se os movimentos de libertação feminina, que se manifestaram pelo direito ao aborto, emancipação sexual da mulher, critério de individualidade baseado no nascimento.

Mas o que leva o Papa Pio XII a aceitar a regulação dos nascimentos pelo método de Ogino-Knauss, no famosíssimo “discurso às parteiras” em 1951, em que pela 1ª vez a Igreja separou o acto sexual do acto de procriação é, sem dúvida, a invenção química da pílula anti-concepcional, em 1950. Pela primeira vez, a ciência vai ajudar, de uma forma plena, à emancipação das mulheres.

Em 1966, o resultado de sondagens efectuadas em França indicou que 56% dos indivíduos católicos eram a favor da pílula.

Em 1968, a encíclica “*Humanae Vitae*” marca o retrocesso, recusando a contracepção como consequência lógica do respeito absoluto pela vida, levado até à sua origem.

Maio de 68 vai marcar a nova ordem social e sexual. “Fazer amor e não a guerra”, é o grito que se repercute desde os EUA até à Europa Ocidental. Sociólogos, filósofos, psicólogos e médicos analisam o novo fenómeno, que tem a sua raiz nos variadíssimos movimentos de libertação, que englobam desde as reivindicações culturais e ambientais, ao anti-racismo, ao anti-totalitarismo, à homossexualidade e ao feminismo.

Ao período de renúncia que marcou a 1ª metade do século xx, seguiu-se um período de desejo de procura exacerbada de prazer, denunciando e tornando públicos os comportamentos escondidos no passado.

Há uma emergência de forças sociais que lutam pela mudança e pela subversão dos valores sexuais e sociais dominantes. O planeamento familiar está na ordem do dia. A luta dos movimentos feministas e homófilos contra os padrões instituídos, é o grande combate.

O denominador comum é a defesa do seu sexo e do seu género, o combate à discriminação sexual, à exploração capitalista e à doutrina da Igreja.

Os documentos feministas abordam preferencialmente três temas: relação claramente estabelecida entre a libertação social e a libertação sexual; reflexão organizada da noção do corpo sexuado; uma nova ética baseada na criação e na expressão femininas.

*“Os homens disseram! A sexualidade feminina não existe! e, se se manifesta, então é desvio, perversão, transvio. É possessão e factos diabólicos mas, como se este discurso não bastasse, impôs-se recorrer a um outro discurso iluminado pela CIÊNCIA, pela FILOSOFIA, pela RAZÃO.”*²³

Em 1979, o CNRS efectuou uma análise sociológica que deu como resultado o deslocamento dos valores fundamentais, quer sejam os afirmados pelos reformadores liberais, quer pelos eclesásticos. Assim, as

correntes feministas (sexistas), centrando-se numa ética do corpo sexuado, acusam os reformadores liberais pela sua pretensão de legislar sobre o aborto como uma nova forma de controlo social e os religiosos tradicionais de terem subvertido a ordem simbólica que rege a ordem dos corpos.

Semelhanças e diferenças foram assuntos que se revelaram de grande importância, não apenas no discurso científico sobre género e sexo, mas também nos assuntos de justiça e igualdade social. Para uma cultura hierarquicamente estruturada, a diferença não é simplesmente neutra, mas serve muitas vezes como veículo para interpretar e justificar a desigualdade. Os argumentos que distinguem ou unem mulheres e homens, não são completamente teóricos e desempenham um papel importante na estratégia política. Como é que as mulheres, no seu local de trabalho, querem afirmar a sua semelhança com os homens (no que se entende por igualdade), negando a exclusão e discriminação profissionais se, paralelamente, querem usufruir dos privilégios relacionados com as ausências por maternidade e parto? Estes e outros, são argumentos ainda hoje utilizados.

As duas faces de Adão. O sexismo masculino como atitude sócio-cultural

Processo de socialização e aculturação do macho

A teoria de caracterização do macho²⁴, define a constelação da sua personalidade que consiste em três disposições fundamentais justificadas por crenças: a) atitudes sexuais insensíveis; b) violência de forma geral; c) perigo como excitação. A caracterização do macho engloba cenas de infância nas quais os chamados afectos “superiores, masculinos” — como a excitação e a fúria — foram socializados no sentido de serem favorecidos sobre os chamados afectos “inferiores, femininos” — como o desgosto e o medo.

Nos adolescentes, os rituais de passagem estruturam-se através de redes sociais de juventude masculina prosseguindo os processos de aculturação, através dos media, criando-se um tipo de socialização hipermasculina. A caracterização ideológica do machismo descende, assim, da ideologia do guerreiro e das estratificações subsequentes aos parâmetros da guerra — vitorioso e vencido, senhor e escravo. No mundo actual, esta hierarquização reflecte-se na imagem do chefe de família com a mulher como seu complemento, ou seja, o patriarca e a sua descendência.

A caracterização da personalidade do macho e a ideologia do machismo, amplificam-se mutuamente justificando o seu estilo de vida

²³ Neves, H., 1987, in Allen-Gomes et al., 1987. O movimento feminista. Sexologia em Portugal, vol. 2. Texto Editora.

²⁴ Tomkins, S., 1962 e 1979. In Mosher, D. & Tomkins, S., 1988. Scripting the Macho Man: Hypermasculine Socialization and Enculturation. *The Journal of Sex Research*, vol. 25, nº 1, (60-84).

e celebrando, em consonância, o seu ponto de vista sobre o mundo. O macho cria, interpreta e responde a representações que o ameaçam, que o desafiam, ou que lhe proporcionam oportunidades para desempenhar o seu papel de macho, de acordo com um conjunto de regras de caracterização do macho.

O afecto amplifica os processos psicológicos tais como a percepção, a cognição e a acção na própria representação. No entanto, os afectos intensos, por si só, podem proporcionar à representação um aspecto transitório, sem afectar a personalidade em profundidade²⁵. Para o macho, é o afecto do interesse-excitação, vivido tal como ele o revê conscientemente que, actuando sobre as memórias e as fantasias de representação, potencializa a caracterização ampliando psicologicamente a necessidade urgente de se afirmar como sendo "homem a sério". O actual mundo perigoso pode excitá-lo, se ele for suficientemente másculo para ir ao encontro dos desafios propostos. Através do tempo, o macho vive a sua vida segundo as suas características. Interpretar o papel de macho, é viver representações de macho, é celebrar a ideologia do machismo.

A ideologia aparece como uma construção bio-social que os seres humanos utilizam para compreenderem, justificarem e celebrarem o modo como vivem no mundo. Tal como as características da personalidade reflectem as diferentes exaltações dos afectos no indivíduo, a ideologia da cultura reflecte as diferentes exaltações dos afectos na sociedade. Usar a violência contra os inimigos, fazer escravos e violar mulheres, cria uma estratificação social que, mais tarde, se transfere para as classes, para os sexos e para os géneros dentro da sociedade. Consequentemente, a caracterização do macho exagera o comportamento do papel do género masculino, para servir objectivos interpersonais motivados pelos afectos da excitação, fúria, hostilidade e desprezo. Um macho não pode apenas ser masculino, tem de se representar a si próprio como hipermasculino na ideologia e nas acções. Quando a ideologia da cultura assume a supremacia patriarcal como um valor ideal ético, político e familiar e o aspecto físico e a rudeza do adversário como a essência da masculinidade, o papel do género é simultaneamente categorizado num papel ideológico. Dado que as ideologias representam as várias crenças pelas quais os homens vivem e morrem, constituem-se como os principais agentes de aglutinação, de diferenciação e de divisão. Partilhar a ideologia do machismo agrega os homens entre si, constituindo-se sociedades masculinas. Diferenciando assim os sexos, a dominação masculina impõe a submissão feminina, dividindo a sociedade em fortes e fracos, de acordo com a ideia de manter da superioridade masculina, acentuando e radicalizando o preconceito ancestral do sexismo masculino.

Sexo de pertença, género sexual e estereótipos do género

Desde a Antiguidade que o conceito universal da Humanidade é expresso pela palavra Homem, logo, sexo masculino, englobando assim o sexo feminino numa generalização abusiva²⁶.

Platão e Aristóteles, pilares da cultura grega, pensadores iméritos, consideravam a mulher como um *desvio da natureza*, como uma *criatura imperfeita*, reflectindo uma imagem de fortes conotações negativas, porque associada à desordem, ao caos, à luxúria, à malignidade. Em contraponto temos a nível epistemológico a imagem paradigmática do homem, a qual reflecte a ordem, a lei, o equilíbrio, a perfeição, ou seja, com fortes conotações positivas. A cultura ocidental, herdeira do *Milagre Grego*, essencialmente por ele condicionada, manifesta esta postura discriminatória, nomeadamente até ao Século das Luzes baseando a desigualdade nas "diferenças" da natureza feminina e masculina.

Efectivamente, é sempre nos extremos que a mulher é situada, numa visão dicotómica da sua imagem: anjo/diabo; deusa/animal; Eva/Maria; vida/morte, numa constante recusa a uma posição intermédia. Este questionamento da imagem feminina baseado nas diferenças sexuais, vai indiscutivelmente condicionar a partilha dos papéis sexuais, o que através dos tempos determinou quem domina e quem é dominado. A falta de equidade dos desempenhos entre homens e mulheres, não só ao nível sócio-cultural, como intelectual, profissional, cultural e familiar reitera as desigualdades, acentuando a discriminação.

Foucault, diz-nos:

*"É sobre estas clivagens simbólicas que se vai fundamentar a própria sociedade desigual, mas cuja desigualdade está baseada numa presumível diferença de naturezas, atribuindo-se à mulher qualidades negativas que a impossibilitam de participar activamente de forma igual, na sociedade onde vive."*²⁷

Existe uma diferenciação valorativa face aos modelos masculino e feminino na sua intervenção do quotidiano, quer este se processe no mundo do trabalho ou no mundo da conjugalidade.

A natural evidência biológica das diferenças entre os sexos, permitiu a construção de uma ideologização das categorias sexuais, a qual foi determinante na construção dos estereótipos sexuais, cujos conteúdos são socialmente produzidos. Os esquemas do papel ligados ao género, tal como os esquemas do papel em geral, constituem-se como estruturas cognitivas que sistematizam e organizam os comportamentos de acordo com as regras sociais, face à multiplicidade de categorias sociais existentes, sejam elas baseadas em critérios sexuais, étnicos, profissionais, etc.. Os estereótipos representam um tipo particular de esquema de papel, que é o papel do género, ou seja, estes esquemas organizam o

²⁵ Mosher, D. & Sirkün, 1984. In Mosher, D. & Tomkins, S., 1988. Scripting the Macho Man: Hypermasculine Socialization and Enculturation. *The Journal of Sex Research*, vol. 25, nº 1, (60-84).

²⁶ Hurtig, M. C. & Pichevin, M. F., 1986. *La difference des sexes*. Paris. Ed. Tierce.

²⁷ Foucault, M., 1976. *História da Sexualidade*. Lisboa, Edições Relógio de Água.

conhecimento socialmente adquirido acerca dos comportamentos expectáveis: de uma mulher espera-se que seja boa mãe, boa filha, boa esposa, de um homem, espera-se que seja honesto, trabalhador, ambicioso.

"Os machos aprendem geralmente o que não devem ser para serem masculinos, antes de aprenderem o que podem ser... muitos rapazes definem, simplesmente, a masculinidade como o que não é feminino".²⁸

Também Crampe-Casbanet, pergunta:

"A inferioridade da mulher, enraizada na sua diferença sexual, vai ser estendida naturalmente a todo o seu ser e particularmente às suas faculdades intelectuais. Terá ela verdadeiramente um espírito, uma capacidade racional?"²⁹

Na prática o discurso instituído é um discurso de homem para os homens, sendo o homem o próprio sujeito do discurso, situando a mulher em planos desiguais, na interioridade enquanto objecto do discurso, na exterioridade enquanto estatuto que lhe é conferido.

A legitimação dada pelo discurso científico sobre os sexos no século XIX, persistiu até à época moderna na qual ainda se encontravam as vertentes biologizante e essencialista ligadas à condição da mulher. Amâncio, diz-nos:

"Um pensamento dualista, da racionalidade e dos instintos, da paixão e do intelecto, da natureza e da cultura, que marcou a primeira relação da ciência com o masculino e o feminino, assente num paradigma sexomórfico, que persistia em encontrar nos corpos o fundamento para a inferioridade social das mulheres."³⁰

Aprioristicamente, as sociedades estabelecem o que é adequado e desejável para cada sujeito, partindo do seu sexo de pertença e generalizando para o género sexual, logo, os sujeitos tenderão a responder adequadamente às expectativas socialmente criadas, condicionando o seu comportamento às mesmas: a menina que não brinca com bonecas é alcunhada de maria-rapaz mas socialmente tolerada, o menino que brinca com bonecas é rapidamente dissuadido de o fazer porque, socialmente, é maior o reforço sobre o género masculino³¹.

O facto de o capital simbólico não ser equitativamente atribuído às categorias masculino e feminino e intervindo ele na construção da identidade social do homem e da mulher, provocará reflexos ao nível da

pertença aos grupos feminino e masculino porque, enquanto "entidades simbólicas, são socialmente construídas"³² afectando, consequentemente, as noções do 'self'. Ainda segundo a mesma autora, baseada no estudo efectuado em sujeitos de ambos os sexos (entre 20 e 45 anos), as características inerentes ao conceito do Ser Universal englobam as representações do género masculino, enquanto as características do género feminino se encerram no âmbito das mulheres. As valorações dos traços que caracterizam os estereótipos masculino e feminino são assimétricas, situando-se o homem num universo alargado de representações inclusivas (multifuncionalidade / instrumentalidade) e a mulher num estreito mundo de representações exclusivas na esfera das relações e dos afectos (expressividade).

Os modos de ser masculino e feminino baseiam-se, portanto, numa relação de dominação simbólica, o que a nível da estrutura social determina posições diferentes relativamente aos recursos a que homens e mulheres têm acesso, colocando o género masculino numa posição dominante e o género feminino numa posição dominada.

PARTE II – REVISÃO DA LITERATURA

Estudos sobre o sexismo

O que é que os homens pensam e sentem em relação às mulheres? Afeição ou hostilidade? Admiração ou desprezo? Amigas ou inimigas? E, será assim?

Existirá esta polarização? Ou ter-se-ão criado novas formas de sexismo mais subtils, mais ambivalentes? E, neste caso, devido a quê? Será a época pós-moderna responsável por isso? Quais os factores que eventualmente poderão ter provocado este tipo de alteração no sexismo masculino?

Fundamentalmente, estas são as questões da investigação que nos propomos estudar. No seu conjunto não são inéditas, no nosso estudo replicamos, de algum modo, investigações já validadas, efectuadas por cientistas sociais, nomeadamente norte americanos.

Mas, o que poderemos considerar como relevante, é o facto de, pela primeira vez, se realizar uma investigação deste tipo, focalizada na sociedade portuguesa. Efectivamente, de acordo com a pesquisa que efectuamos, não existe nenhum estudo publicado em Portugal que padronize o sexismo masculino face às mulheres.

Situemo-nos, então, relativamente às nossas questões de investigação:

Considerando que a sociedade portuguesa sofreu nas últimas três décadas importantes mudanças de índole cultural, social, económica e

²⁸ Hartnett, O., 1978. Sex role stereotyping at work. In J. Chetwind e O. Hartnett (orgs.). *The sex role system. Psychological and Sociological Perspectives*, Londres, Routledge.

²⁹ Crampe-Casbanet, M., 1991. A Mulher no Pensamento Filosófico do Século XVIII in Duby, G. & Perrot, M. (Eds.) *História das Mulheres*, vol. 3. Porto. Edições Afrontamento.

³⁰ Amâncio, L., 1995. *Género e ciência no percurso da psicologia social*. Seminário Estudos sobre as Mulheres. Lisboa, in Nogueira, C., 1996. Tese de doutoramento Um Novo Olhar sobre as Relações Sociais do Género.

³¹ Deaux, K., 1985. Sex and gender. *Annual Review of Psychology*, 36, (49-81).

³² Amâncio, L., 1994. *Masculino e Feminino, A Construção Social da Diferença*. Porto, Edições Afrontamento.

política, que fundamentalmente se deveram à Revolução do 25 de Abril e às suas consequências, traduzindo-se em diversos factores, tais como:

- um maior acesso aos meios de informação e difusão internacionais;
- possibilidade de debate de ideias alicerçadas na liberdade de pensamento;
- esclarecimento e confronto com políticas internacionais geo-estratégicas;
- alteração do paradigma sócio-cultural em face de um sentido de maior tolerância e aceitação das diferenças;
- exponencial acesso dos jovens e dos adultos de ambos os sexos, aos vários graus de escolaridade.

Considerando ainda que todos estes factores se reflectiram em mudanças na estrutura social da sociedade portuguesa, o que, intrinsecamente, deverá ter gerado mudanças de mentalidade nos portugueses, nomeadamente ao nível inter-geracional, propomo-nos especificamente avaliar:

- se estes factores provocaram, ou não, alteração das atitudes masculinas face às mulheres, no que respeita ao seu interrelacionamento;
- se estes factores erradicaram o sexismo masculino ou se este se revestiu de formas mais subteis, como o sexismo ambivalente.

A fim de compreendermos o sexismo masculino, temos primeiro que compreender o poder diádico das mulheres. De acordo com a teoria do sexismo ambivalente, elaborada por Glick & Fiske,³³ o poder diádico das mulheres surge porque os homens dependem delas em termos de reprodução sexual o que, numa perspectiva evolucionária, determina que os homens precisam das mulheres e não têm como evitá-lo. São ainda dependentes das mulheres como esposas, mães e objectos românticos, devido a esta relação especial o preconceito do sexismo é considerado único e diferente de qualquer tipo de preconceito, porque radicado em duas características universais dos grupos humanos, o Patriarcado e a Reprodução.³⁴ Presume-se terem sido estas duas características universais que, na Modernidade, determinaram o aparecimento da ambivalência sexista:

- O controlo patriarcal das instituições centrais de economia, de política e sociais, através da criação de uma ideologia que caracteriza as mulheres como inferiores aos homens, originou um tipo de sexismo, o sexismo hostil (SH), legitimando assim o controlo social masculino;
- A reprodução sexual, determinando biologicamente a dependência dos homens relativamente às mulheres, deu origem a uma ideologia tradicionalista que outro idealiza as mulheres no papel feminino tradicional, criando um tipo de sexismo, o sexismo benevolente (SB),

o qual, presumindo atitudes supostamente positivas, reitera as divisões do papel tradicional e a formação de estereótipos do género.

A teoria do sexismo ambivalente (sexismo hostil/sexismo benevolente), sugere que os homens sexistas estão sobretudo preocupados com: o Poder Paternalista (protector e dominador); a Diferenciação do género (competitiva e complementar); a Heterossexualidade (hostil e íntima).

Devido à natureza culturalmente partilhada dos estereótipos do sexo, supõe-se que, tanto os homens sexistas como os não-sexistas, geram espontaneamente idênticos subgrupos de categorização do género feminino. Assim, a aceitação ou a rejeição das relações do poder tradicional e o papel do género na mulher, é uma dimensão evidente de classificação para os homens sexistas, supondo-se que estes constroem e avaliam estes subgrupos de um modo mais polarizado: constructos negativos (sexismo hostil) para as mulheres não tradicionais ou que desafiam o poder masculino; constructos positivos (sexismo benevolente) para as mulheres tradicionais que reforçam o poder tradicional, ou mulheres que facilitam a obtenção dos objectivos sexuais masculinos.

A ambivalência sexista é então consequência dos homens terem, para com as mulheres, um tipo de orientação que pode encerrar atitudes negativas e positivas, sendo o sexismo hostil o mais tradicional dos dois. Este sexismo procura justificar o papel tradicional do género através da objectivação, da exploração sexual e de noções derogatórias permanentes sobre as mulheres. O sexismo benevolente é uma forma mais simpática para a dominação da fêmea pelo macho, a qual é exercida em muitas culturas. Essencialmente, o sexismo benevolente assenta no poder diádico das mulheres e baseia-se no papel do género. Estes sentimentos podem ser descritos como positivos e é muito frequente encontrar um ponto de vista romântico, neste sexismo. O sexismo benevolente coloca as mulheres num pedestal. Os homens sexistas ambivalentes, que têm este tipo de atitude, consideram as mulheres frágeis e incapazes de se bastarem a si próprias, gostam delas e aparentemente amam-nas. Este tipo de sexismo limita as mulheres ao papel societal do género por eles descrito, visto suportarem o poder paternalista tradicional e o poder das relações. As mulheres de carreira, independentes ou feministas, ao desafiarem o poder tradicional masculino provocam-lhes reacções de hostilidade, suscitando-lhes resposta agressiva sob a forma de sexismo hostil (SH).

Com o fim de evitar o conflito que deflagra devido a experienciarem esses sentimentos ambivalentes, os indivíduos tendem a agir psicologicamente de forma a minimizarem essa experiência. Deste modo, evitam a polarização de atitudes negativas e positivas face à mesma mulher. O mecanismo psicológico que podem desenvolver consiste na subdivisão do grupo alvo (mulheres) em sub-tipos, dentro dos quais as classificam e categorizam. Se a mulher for espontaneamente classificada num sub-tipo favorecido ou desfavorecido, os homens sexistas, em vez de se sen-

³³ Glick, P. & Fiske, S. (1996). The ambivalent sexism inventory: Differentiating Hostile and Benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70, (491-512).

³⁴ Katz, I., 1981. *Stigma: A social psychological analysis*. Hillsdale, NJ, Lawrence Erlbaum.

tirem confusos e em conflito nas suas atitudes sobre a classificação específica feminina, terão atitudes definidas e consistentes.

As mulheres 'más', tais como as prostitutas, as feministas e as mulheres independentes e de carreira, podem ser tratadas com hostilidade e colocadas na "valeta". As mulheres 'boas', devem ser tratadas com simpatia, com benevolência, podendo ser colocadas num "pedestal". Existem diversas assunções que estes dois tipos de sexismo partilham. A principal, é que as mulheres são o sexo fraco, ou seja, o segundo sexo³⁵.

Resumindo, o sexismo ambivalente é um fenómeno insidioso e volátil, com aspectos paradoxais; tanto o sexismo benevolente, como o sexismo hostil, se reforçam, permitindo aos sexistas ambivalentes a racionalização dos seus comportamentos e dos seus sentimentos.

A fim de medirem este tipo de ambivalência sexista, os autores construíram um instrumento (Inventário de Sexismo Ambivalente – ASI)³⁶, o qual engloba as duas componentes do sexismo correlacionadas positivamente, que representam orientações opostas face às mulheres: antipatia sexista ou sexismo hostil (SH) e uma orientação subjectivamente positiva, o sexismo benevolente (SB). Este inventário, que inicialmente era constituído por 144 itens, foi subconsequentemente reduzido a 22 itens, seleccionados do conjunto inicial, os quais foram considerados como a versão reduzida do ASI. No contexto geral, estas declarações representam as categorias conceptuais derivadas da análise teórica sobre os pressupostos do sexismo ambivalente.

Estes autores realizaram seis estudos que envolveram 2250 inquiridos, os quais permitiram estabelecer uma validação convergente, discriminante e preditiva. Como resultados, a avaliação global do ASI prevê atitudes ambivalentes face às mulheres, estando a escala do SB, no caso dos homens não estudantes, correlacionada com atitudes e estereótipos positivos relativamente às mulheres, e a escala do SH, correlacionada com atitudes e estereótipos negativos relativamente às mulheres, tanto no que respeita ao grupo 'estudantes', como ao grupo 'não estudantes'.

Embora nenhum destes 6 estudos tenha sido totalmente replicado, existe contudo uma parte dos resultados obtidos pelos autores sobre o qual nos foi possível estabelecer comparações com os nossos resultados, nomeadamente no que concerne ao Estudo 1 e ao Estudo 2.

Estudo 1 – avalia se os homens sexistas ambivalentes, comparados com os homens não sexistas, subdividem espontaneamente as mulheres em sub-tipos, classificando-as com avaliações polarizadas. Este Estudo demonstra que, em relação aos homens não sexistas, os sexistas ambivalentes classificam espontaneamente as mulheres em sub-tipos e avaliam-nas de um modo mais polarizado. O SH demonstrou maior hostilidade nos padrões de avaliação, sempre que o SB estava correla-

cionado com avaliações mais positivas. A interpretação destes dados sugere que os homens sexistas ambivalentes classificam habitualmente as mulheres em sub-tipos idênticos e diferentes.

Estudo 2 – determina se o sexismo hostil e o sexismo benevolente se correlacionam com as avaliações e constructos masculinos de tipos específicos femininos, os quais representam os sub-tipos mais comuns da classificação masculina (mulheres tradicionais *vs* mulheres não tradicionais).

Este Estudo mostra claramente que um tipo comum de mulher não tradicional, a mulher de carreira, é interpretada e avaliada menos favoravelmente pelos homens pertencentes ao grupo SH, em comparação com os outros. Pelo contrário, um tipo prevalecente de mulher tradicional, a mulher doméstica, foi interpretado e avaliado de forma mais favorável pelos homens pertencentes ao grupo SB, em oposição aos outros. A única correlação que não era esperado emergir, foi uma relação positiva entre o SB e as crenças simbólicas sobre as mulheres de carreira que, eventualmente, pode assentar no facto dos homens sexistas benevolentes auferirem do salário das suas mulheres.

Os resultados do Estudo 2, sobre homens sexistas ambivalentes, relativamente aos valores encontrados nas sub-escalas SH e SB, respeitante às mulheres tradicionais e não tradicionais, estão de acordo com o nosso estudo, embora usássemos outra metodologia.

De acordo com os autores³⁷, estes dois estudos sugerem que o sexismo ambivalente masculino origina percepções polarizadas de sub-tipos femininos, com o SH dirigido às mulheres não tradicionais, considerando que o SB é dirigido, sobretudo, às mulheres que desempenham papéis tradicionais. O conteúdo do constructo dos homens sexistas que definem estes tipos de mulheres, parece consistente com as motivações identificadas pela teoria do sexismo ambivalente. As mulheres de carreira despertam sentimentos de inveja, competitividade e intimidação nos homens sexistas, sugerindo-lhes descontentamento quanto às mulheres *com poder*. As mulheres domésticas, pelo contrário, despertam nos homens sexistas sentimentos profundamente positivos e crenças simbólicas, que assentam nos papéis complementares desempenhados pelos homens e pelas mulheres na conjugalidade.

A Escala de Atitudes Sexistas Face às Mulheres³⁸, que é uma modificação da escala original³⁹, foi um dos instrumentos por nós utilizados. Os autores argumentam que, numa óptica empírica, esta escala apresenta uma maior validade de constructo como medida de sexismo face às mulheres, demonstrando fiabilidade mais elevada e consistência

³⁵ Beauvoir, S., 1949/74. *Le deuxième sexe*. Paris. Ed. Gallimard.

³⁶ Glick, P. & Fiske, S., 1996. The ambivalent sexism inventory: Differentiating Hostile and Benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70, (491-512).

³⁷ Glick, P., Diebold, J. & Bailey-Werner, B., 1997. The two faces of Adam: Ambivalent Sexism and Polarized Attitudes Toward Women. *Personality and social psychology. Bulletin*, vol. 23, nº 12, (1323-1334).

³⁸ Benson, P. L. & Vincent, S., 1980. Development and validation of the sexist attitude towards human scale (SATWS). *Psychology of human quarterly*, Vol. 5(2), (276-291).

³⁹ Spence, J. T. & Helmreich, R., 1972. The attitudes toward women scale. *JSAS Catalog of Selected Documents in Psychology*, 2, Ms. (153).

interna, tanto para o grupo de escolaridade elevada, como para o grupo de escolaridade baixa, sendo as suas pontuações independentes das pontuações da desejabilidade social, como acontece na escala original.

Após terem sido utilizados vários critérios para a redução dos 141 itens originais (junção de várias premissas, eliminação dos que apresentavam pouca variabilidade, fusão de sub-escalas, etc.), foi elaborada uma escala única com 40 itens, os quais reflectem as já mencionadas sete componentes de sexismo face às mulheres:

- Tomadas de atitude face às mulheres considerando-as geneticamente inferiores aos homens, sob uma perspectiva biológica, emocional e intelectual;
- Apoio à premissa de que os homens devem ter mais direitos e mais poder do que as mulheres;
- Apoio a práticas de discriminação sexista na educação, no trabalho e na política;
- Hostilidade contra as mulheres que assumam papéis ou comportamentos tradicionalmente masculinos, ou que não desempenhem papéis tradicionalmente femininos;
- Falta de apoio e de empatia pelos movimentos de libertação feminina e pelos assuntos envolvidos nesses movimentos;
- Utilização de rótulos depreciativos e de estereótipos restritivos na descrição das mulheres;
- Avaliação das mulheres, baseada na atracção física e no desejo de as tratar como objectos sexuais.

Sendo importante para o nosso estudo estabelecermos comparações entre os resultados obtidos pelos autores e os nossos resultados, extraímos os resultados que inserem o mesmo tipo de variáveis, ou seja, idade/escolaridade e sexo masculino, e que, portanto, nos parecem mais comparáveis.

Este estudo foi para nós extraordinariamente significativo visto a interpretação dos nossos resultados ser idêntica no que respeita à correlação das variáveis idade e escolaridade.

Estereótipos do Género – Análise factorial de correspondência (AFC)

Os investigadores de estereótipos descobriram que as pessoas não classificam as mulheres num grupo geral, mas que, espontaneamente, empregam sub-tipos.⁴⁰

Dada a natureza culturalmente partilhada dos estereótipos do sexo, estes autores presumem que, tanto os homens sexistas como os não sexistas, gerarão idênticos sub-tipos, tais como mulheres tradicionais vs mulheres não tradicionais. Encerrando as mulheres num universo cultural e semântico em que a predominância é dada à esfera da expressividade e afectividade, em detrimento da esfera da instrumentalidade e dominância na qual os homens se inserem e que se traduz num universo alargado de representações inclusivas (multifuncionalidade/instrumentalidade).

A fim de intercorrelacionarmos os dados obtidos pelo ASI (Inventário de Sexismo Ambivalente) e pela SATWS (Escala de Atitudes Sexistas Face às Mulheres), com a listagem de atributos, utilizando a AFC (Análise Factorial de Correspondências), e a Itomals, revimos os estudos efectuados por Amâncio⁴¹, os quais consideramos pertinentes para o nosso objectivo. Ou seja, através das duas escalas já referidas, conseguimos obter dados sobre o sexismo masculino e diferenciar qual o tipo de sexismo que mais se evidencia na sociedade portuguesa.

A metodologia tradicional⁴² para efectuar uma avaliação de índole qualitativa e quantitativa dos estereótipos (masculinos/femininos) consiste em apresentar aos inquiridos uma listagem de atributos, solicitando-lhes que os classifiquem em masculinos e femininos. Como resultado, pretende obter-se o máximo consenso nesta escolha, o que determinará o mínimo de traços comuns.

Na análise efectuada por Amâncio, que foi a investigação que de certo modo replicámos, a interpretação quantitativa dos resultados revelou que o maior número de traços da classificação do estereótipo masculino, correspondeu ao maior número de traços valorizados positivamente. O traço “feminina” apareceu no consenso dos atributos, enquanto que o traço “masculino”, não foi sequer seleccionado.

Resumindo, de acordo com este estudo, a noção de estereótipo feminino limita-se às funções afectivas e de objecto sexual, não englobando áreas como a multifuncionalidade, a dominância ou a autonomia, enquanto que a noção do estereótipo masculino, não refere funções afectivas, mas evidencia a área instrumental, de autonomia, de dominância e de sociabilidade. A autora refere ainda que não houve consenso entre os dois sexos, relativamente aos traços ligados à sociabilidade. Para a classificação avaliativa, foi utilizada a métrica X², devido a ser considerada a mais adequada a estudos sobre representações de grupos sociais.⁴³

⁴⁰ Fiske, S. & Neuberg, S., 1990. A continuum of impression formation, from category-based to individuating processes: Influences of information and motivation on attention and interpretation. In Zanna, M. P. (Ed.). *Advances in experimental social psychology*, vol. 23, (1-74). New York, Academic Press; Taylor, S. E., 1981. A categorization approach to stereotyping. In Hamilton, D. (Ed.). *Cognitive processes in stereotyping and intergroup behavior*. Hillsdale, NJ, Lawrence Erlbaum.

⁴¹ Amâncio, L., 1994. *Masculino e Feminino, A Construção Social da Diferença*. Porto, Edições Afrontamento.

⁴² Rosenkrantz, P. S., Bee, H., Vogel, S.R. & Broverman, I. K., 1968. Sex role stereotypes and self-concepts in college students. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 32, 3 (287-295); Doise, W. & Weinberger, M., 1972-73. Representation masculine dans différentes situations de rencontres mixtes. *Bulletin of Psychology*, 24 (305), (649-657).

⁴³ Volle, 1981. *Analyse des données*. Paris. Économica, 2^a Ed.; Lorenzi-Cioldi, S., 1983. L'analyse factorielle des correspondances dans les sciences sociales. *Revue Suisse de Sociologie*, 2, (365-390).

PARTE III – INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA

Introdução

O presente trabalho propõem-se analisar o padrão de sexismo masculino em Portugal e estudar a sua associação com duas variáveis: a idade e a escolaridade. A teoria que subjaz a este estudo, estrutura-se em duas características universais pertencentes aos grupos humanos, o Patriarcado e a Reprodução Sexual. Estas características determinaram, no homem, um comportamento sexista, o qual, no decorrer dos tempos não desapareceu, dado que, segundo alguns autores⁴⁴, o sexismo é considerado um preconceito único e ancestral.

Para além disto, o sexismo mantém-se devido à actual difusão das crenças sobre a igualdade sexual, as quais, aceites numa grande parte do mundo (Continentes Europeu e Norte Americano), se baseiam na construção social da negação da existência da discriminação sexista em relação às mulheres. Para alguns autores, esta atitude reflecte uma hostilidade subjacente, dando origem à criação de formas ambivalentes de sexismo que se estruturam em três sub-componentes⁴⁵:

- Paternalismo (protector e dominador)
- Diferenciação do género (competitiva e complementar)
- Heterossexualidade (hostil e íntima)

Os sentimentos ambivalentes criam vulnerabilidade emocional quando dirigidos a membros do grupo alvo, a qual só é resolvida através da amplificação do lado positivo, ou do lado negativo da ambivalência, dependendo da situação ou da sugestão fornecida pelo grupo em questão⁴⁶.

Assim, os estereótipos, ao nível dos sub-grupos criados (mulheres tradicionais vs mulheres não-tradicionais), determinam se os homens sexistas utilizam o lado positivo ou o lado negativo da sua ambivalência, já que, teoricamente, a ambivalência é um estado de perturbação psicológica, dado que a inconsistência de atitudes produz dissonância cognitiva. Como estratégia psicológica, mesmo que inconsciente, os homens sexistas ambivalentes utilizam categorias automáticas baseadas num conjunto de sugestões (aparência, papel social, meio cultural), as quais, sendo facilmente apreendidas, dão lugar a reacções específicas face a cada mulher, evitando assim experienciar sentimentos conflituosos. Deste modo, o homem moderno sexista evita a tensão emocional, a vulnerabilidade e o conflito, criando estereótipos na base dos quais categoriza as mulheres de um modo polarizado (mulheres de valeta/mulheres de pedestal).

O tipo de abordagem a que nos propomos, pretende alargar o debate teórico e aprofundar, a nível psicossociológico, a transformação da ideologização das categorias sexuais que diferenciam valorativamente os modelos masculino e feminino. Tentamos assim contribuir para uma conceptualização de novos modelos de comportamento não sexista.

Deste modo, a questão de investigação que nos colocámos situa-se na problemática do sexismo masculino face às mulheres na sociedade contemporânea, especificamente na realidade societal portuguesa. Com este estudo, propomo-nos atingir os seguintes objectivos específicos:

- Determinar a influência da variável *Escolaridade*, no que respeita a atitudes sexistas masculinas face às mulheres;
- Determinar a influência da variável *Nível Elário*, no que respeita a atitudes sexistas masculinas face às mulheres;
- Determinar se estes factores erradicaram o sexismo masculino, ou se este se investiu de formas mais subtis, como o sexismo ambivalente (sexismo hostil/sexismo benevolente);
- Analisar a relação destes tipos de sexismo com o conteúdo do estereótipo feminino.

Método

Sujeitos

A amostra era constituída por 200 sujeitos do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 20 e os 45 anos ($M=33.0$; $DP=6.98$), e com níveis de escolaridade que iam desde a 4ª classe incompleta até à licenciatura. De acordo com os objectivos do estudo, criaram-se dois grupos de sujeitos com base na escolaridade (acima ou abaixo do 10º ano de escolaridade/6º ano do liceu) e dois grupos de sujeitos com base na idade (acima ou abaixo dos 30 anos), sendo as médias da idade respectivamente $M=26.9$; $DP=2.4$ e $M=39.3$; $DP=3.8$. A maioria dos sujeitos com nível de escolaridade baixa tinha como habilitações o 9º ano (52 indivíduos ou 61.2%), enquanto que a maioria dos sujeitos com escolaridade mais elevada frequentava um curso universitário (52 indivíduos ou 45.2%). Para obtermos indivíduos com níveis de habilitação diferentes mas idades semelhantes, recolhemos a amostra junto de estudantes universitários (em turmas de dia e de noite) e na Guarda Nacional Republicana.

Instrumentos

O sexismo masculino foi medido através de dois instrumentos: a Escala de Atitudes Sexistas Face às Mulheres (SATWS) e o Inventário de Sexismo Ambivalente (ASI).

⁴⁴ Mosher, D. & Tomkins, S. (1988). Scripting the Macho Man: Hypermasculine Socialization and Enculturation. *The Journal of Sex Research*, vol. 25, nº 1, (60-84).

⁴⁵ Glick, P. & Fiske, S., 1996. The ambivalent sexism inventory: Differentiating Hostile and Benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70, (491-512).

⁴⁶ Katz, I., 1981. *Stigma: A social psychological analysis*. Hillsdale, NJ, Lawrence Erlbaum.

Procedimento

Solicitava-se a participação dos sujeitos, elucidando-os de que se tratava de um estudo académico para uma tese de mestrado, tendo-lhes sido assegurado o anonimato e não se prestando informações complementares. Foi efectuada uma aplicação individual.

Resultados

Os valores de sexismo encontrados no total da amostra apresentam-se como médios (Tabela 1). Os valores de sexismo avaliados pelo ASI apresentam-se ligeiramente acima do ponto médio teórico da escala (2.5). Assim, tanto os resultados do sexismo hostil ($M=2.76$; $DP=0.68$), como os do sexismo benevolente ($M=2.67$; $DP=0.68$), como ainda os do sexismo ambivalente ($M=2.73$; $DP=0.57$), apresentam valores que apontam para um sexismo ligeiro na nossa amostra. No entanto, estes valores parecem superiores aos encontrados noutros estudos com a mesma escala. De facto, os autores⁴⁷, encontraram em dois estudos efectuados em amostras masculinas valores médios próximos de 2 no sexismo ambivalente ($M=2.09$, no 1º estudo e $M=2.13$, no 2º estudo).

Os resultados da Escala de Atitudes Sexistas Face às Mulheres, apresentam-se abaixo da média teórica da escala (120), indicando atitudes moderadamente favoráveis relativamente às mulheres ($M=103.3$; $DP=20.3$). Comparativamente com resultados obtidos com a mesma escala, os valores apresentam-se mais baixos do que os encontrados pelos autores, num estudo efectuado com adultos não estudantes ($M=129.88$) e relativamente idênticos em outro estudo efectuado com estudantes universitários ($M=102.45$), sendo ambos os grupos do sexo masculino.

Tabela 1

Médias e desvios padrão das variáveis de sexismo por níveis de idade e de escolaridade: Sexismo Hostil (SH), Sexismo Benevolente (SB), Sexismo Ambivalente (ASI) e Atitudes Sexistas Face às Mulheres (SATWS).

Variável	Amostra total (N=195)	Escolaridade elevada (N=112)		Escolaridade baixa (N=83)	
		Até 30 anos (N=67)	Acima de 31 anos (N=45)	Até 30 anos (N=31)	Acima de 31 anos (N=52)
SH					
M	2.76	2.77	2.56	2.91	2.84
(DP)	(0.68)	(0.68)	(0.72)	(0.66)	(0.60)
SB					
M	2.67	2.58	2.39	2.77	2.96
(DP)	(0.68)	(0.54)	(0.66)	(0.67)	(0.76)
ASI					
M	2.73	2.68	2.48	2.81	2.94
(DP)	(0.57)	(0.50)	(0.59)	(0.57)	(0.54)
SATWS					
M	103.0	98.48	93.81	112.19	112.43
(DP)	(20.28)	(22.64)	(20.28)	(16.61)	(11.91)

⁴⁷ Glick, P., Diebold, J. e Bailey-Werner, B., 1997. The two faces of Adam: Ambivalent Sexism and Polarized Attitudes Toward Women. *Personality and social psychology: Bulletin*, vol. 23, nº 12, (1323-1334).

Verificamos que o SH e o SB estão correlacionados ($r=0.259$, $p<0.01$) embora estes valores de associação entre as duas medidas sejam inferiores aos encontrados por outros autores. De facto, os autores⁴⁸ referem correlações entre o 1º estudo (0.52) e o 2º estudo (0.45), em amostras masculinas.

Qualquer dos dois indicadores de sexismo apresenta correlações significativas com a SATWS (para o SH, $r=0.504$, $p<0.001$; para o SB, $r=0.31$, $p<0.01$), sendo a correlação com o SH significativamente superior ($z=2.28$; $p<0.05$). A correlação da SATWS com o ASI é igualmente significativa ($r=0.537$; $p<0.001$).

Através do teste *t*, detectaram-se diferenças significativas entre os grupos 'escolaridade' no que respeita à SATWS ($t=-6.17$, $gl=193$, $p<0.001$), com valores mais elevados para o grupo de baixa escolaridade ($M=112.34$, $DP=13.76$), face ao grupo de escolaridade elevada ($M=96.60$, $DP=21.75$). Não se verificaram diferenças significativas inerentes aos níveis etários ($t=-0.34$, $gl=193$, ns), apresentando o grupo mais velho, acima dos 31 anos, uma média ligeiramente superior ($M=103.79$, $DP=18.73$) relativamente ao grupo mais jovem, menos de 30 anos ($M=102.82$, $DP=21.80$).

Através da análise de variância, tomando simultaneamente como factores a idade e a escolaridade, revelaram-se significativas diferenças na SATWS em função da escolaridade ($F(1,191)=37.85$, $p<0.001$), mas não em função da idade ou da interacção entre estas duas variáveis. Os indivíduos com níveis de escolaridade mais elevados apresentam assim atitudes mais favoráveis face às mulheres do que os que têm uma escolaridade mais baixa.⁴⁹

Sexismo e estereótipos do género

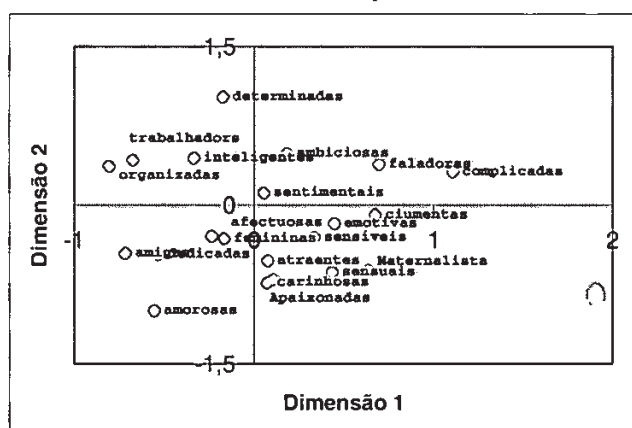
Para integrarmos os dados relativos ao sexismo e ao conteúdo dos estereótipos, procedemos a uma análise multivariada que nos permitisse simultaneamente (1) aceder à estrutura do estereótipo feminino e (2) obter pontuações de cada indivíduo nas dimensões estruturantes desse estereótipo. Deste modo, utilizámos a Homals, uma técnica de análise factorial das correspondências múltiplas, que nos permite articular os resultados individuais das atitudes com as dimensões dos estereótipos.

Os resultados obtidos através da Homals mostram a organização dos atributos em duas dimensões (eigenvalues = 0.092 e 0.086), e estão representados na Figura 1.

⁴⁸ Glick, P., Diebold, J. e Bailey-Werner, B., 1997. The two faces of Adam: Ambivalent Sexism and Polarized Attitudes Toward Women. *Personality and social psychology: Bulletin*, vol. 23, nº 12, (1323-1334).

⁴⁹ Todas as tabelas e gráficos assim como as intercorrelações efectuadas relativas aos resultados não foram aqui inseridas estando disponíveis no documento original.

Figura 1
Representação dos atributos associados às mulheres no espaço bi-dimensional definido pela HOMALS



Deste modo, o primeiro factor é caracterizado por um campo semântico que remete para uma imagem feminina de sociabilidade negativamente conotada (faladoras, complicadas, ciumentas), oposta à instrumentalidade (organizadas, trabalhadoras), permitindo interpretar a primeira dimensão como sociabilidade/instrumentalidade. O segundo factor, é caracterizado por um campo semântico que remete para uma imagem feminina de afectividade submissa que associa traços de erotismo e dependência, em oposição a traços de actividade (determinada, ambiciosa), o que permite interpretar a segunda dimensão como afectividade/actividade.

Verificámos que as duas dimensões traduzem o mesmo construto, visto que os seus componentes são semelhantes em termos interpretativos. Não detectámos uma discriminação das dimensões em que houvesse oposição dos campos semânticos (instrumentalidade *vs* expressividade), pelo contrário, encontrámos uma unidimensionalidade em que, apesar de existir uma separação das características femininas, mantêm uma raiz comum.

Diríamos que não se evidenciam duas dimensões, mas sim uma, traduzida em dois conjuntos de componentes, um com uma orientação de sociabilidade negativamente conotada, outro com uma orientação de afectividade, ou seja, em oposição as características replicam-se (Figura 1).

A correlação entre estas duas dimensões e as variáveis do sexismo analisadas anteriormente estão presentes na Tabela 2.

Tabela 2
Valor das correlações entre os indicadores de sexismo e os factores extraídos da Homals

Variável		Factor 1	Factor 2
		Instrumentalidade vs. Sociabilidade(-)	Afectividade vs. Actividade
SH	R	.403**	-.017**
	N	198	198
SB	R	-.158*	-.193**
	N	200	200
ASI	R	.183**	-.119
	N	199	199
SATWS	R	.170*	-.139
	N	195	195

* $p < .05$; ** $p < .01$

Como se pode observar, o primeiro factor está fortemente associado ao sexismo hostil ($r = 0.40$, $p < 0.001$), sendo os indivíduos com níveis mais elevados de sexismo hostil, os que detêm uma imagem de sociabilidade negativa das mulheres como sendo complicadas, faladoras e ciumentas (e não como organizadas, amigas, trabalhadoras, amorosas e dedicadas). O segundo factor está principalmente associado ao sexismo benevolente ($r = -0.193$, $p < 0.006$), o que quer dizer que são os indivíduos com níveis mais altos de sexismo benevolente os que detêm a imagem afectiva das mulheres como sendo amorosas, atraentes, sensuais, carinhosas e apaixonadas (e não como determinadas e ambiciosas).

Discussão dos resultados

Os nossos prognósticos relativos à existência de atitudes sexistas masculinas, assim como de um tipo de sexismo ambivalente, atitudes que estariam radicalizadas na sociedade portuguesa, são apoiados pelos resultados que obtivemos no nosso estudo. Para o efeito, utilizámos dois instrumentos de medida: o Inventário de Sexismo Ambivalente⁵⁰ e a Escala de Atitudes Sexistas Face às Mulheres⁵¹.

As duas variáveis que escolhemos (idade e escolaridade), são as que, estatisticamente, apresentam valores mais significativos, face a outros estudos da mesma índole já realizados⁵². Assim, de acordo com os nossos resultados, a variável Escolaridade (elevada/baixa) demonstra ser fun-

⁵⁰ Glick, P. & Fiske, S., 1996. The ambivalent sexism inventory: Differentiating Hostile and Benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70, (491-512).

⁵¹ Benson, P. L. & Vincent, S., 1980. Development and validation of the sexist attitude towards human scale (SATWS). *Psychology of human quarterly*, Vol. 5(2), (276-291).

⁵² Glick, P., Diebold, J. e Bailey-Werner, B., 1997. The two faces of Adam: Ambivalent Sexism and Polarized Attitudes Toward Women. *Personality and social psychology: Bulletin*, vol. 23, nº 12, (1323-1334).

damental como factor de determinação do sexismo masculino. Quanto mais elevada é a escolaridade (grupo 1 – estudantes universitários), menor é o nível de sexismo masculino encontrado, resultado este que se encontra nos diversos indicadores de sexismo utilizados: sexismo benevolente, sexismo hostil, sexismo ambivalente e atitudes sexistas face às mulheres. Quanto à variável Idade (menos de 30 anos/acima de 30 anos), não obtivemos as diferenças esperadas, embora no caso do Sexismo benevolente e ambivalente se note um efeito significativo de interacção entre o nível etário e o escolar. Este efeito, salienta que as diferenças de sexismo encontradas entre os grupos de diferente escolaridade, são mais acentuadas nos indivíduos mais velhos do que nos mais novos. De facto, no grupo com mais de 30 anos, os menos escolarizados são bastante mais sexistas (benevolentes $M=2.96$ e ambivalentes $M=2.94$) do que os mais escolarizados ($M=2.39$ e $M=2.48$, respectivamente). No grupo dos sujeitos mais novos estas diferenças são menos acentuadas. Os nossos resultados apontam assim para uma associação mais constante do sexismo com a escolaridade, e mais instável com a idade.

Apesar de a nossa amostra não ser representativa, gostaríamos de explorar um pouco os resultados que obtivemos no total da amostra através dos diversos instrumentos de sexismo utilizados.

Os valores de sexismo masculino avaliados pelo instrumento ASI – Sexismo Ambivalente (sexismo hostil/sexismo benevolente), apresentam-se como valores acima da média (Tabela 1), relativamente aos valores mencionados pelos autores em vários estudos, nomeadamente no Estudo 1, em que, nos homens sexistas a média foi de $M=2.5$ e nos homens não sexistas foi de $M=1.8$, como já referimos na revisão da literatura. Contudo, ambos os valores (SH/SB) estão próximos do ponto teórico da média da escala ($M=2.5$).

ASI $M=2.73$; $DP=0.57$

SH $M=2.76$; $DP=0.68$

SB $M=2.67$; $DP=0.68$

Nos dois grupos que estudámos (grupo 1/escolaridade elevada) e (grupo 2/escolaridade baixa), a média mais baixa que encontramos foi de $M=2.47$ para o SB e $M=2.54$ para o SH, para o grupo 1, nível etário acima dos 30 anos, o que está de acordo com as nossas previsões face às hipóteses que colocámos. Por outro lado, quando comparámos as médias obtidas no nosso estudo, nos dois grupos (grupo 1/grupo 2), relativamente ao Estudo 1 (autores), aparentemente só temos homens sexistas, visto não termos obtido nenhuma média próxima de $M=1.8$, esta obtida pelos autores nos homens não sexistas.

A correlação, por nós encontrada, entre o SH e o SB ($r=.259$, $p<0.01$), demonstra que estas duas sub-escalas se reforçam mutuamente, estando o SH correlacionado com as avaliações mais depreciativas das mulheres e o SB com as avaliações subjectivamente mais positivas, o que está de acordo com a análise de resultados efectuada pelos autores.

Assim, ao longo de todo este estudo, a perspectiva do sexismo ambivalente foi fortemente suportada, bem como a validade do ASI. A correlação positiva, repetidamente encontrada entre as sub-escalas de SH e de SB, suporta o argumento de que estas duas formas de sexismo tendem a ser aspectos relacionados com a ideologia sexista⁵³. Enquanto a escala SH se revelou unidimensional e demonstrou validade convergente com a SATWS, a SB apresenta um outro tipo de estrutura medindo um aspecto de sexismo mais ambíguo, que se reflecte, de forma subjectiva, numa orientação positiva face às mulheres tradicionais e não tradicionais.

No que respeita aos resultados obtidos com a aplicação da Escala de Atitudes Sexistas Face às Mulheres (SATWS), temos:

- Os resultados médios obtidos apresentam-se ligeiramente inferiores, $M=103$, $DP=20.28$, quando comparados com os estudos dos autores e face à média teórica da Escala, $M=120$.
- A SATWS apresenta também correlações significativas com o ASI, especificamente no caso da sub-escala SH.

Estereótipo feminino

A fim de qualificarmos e quantificarmos a que sub-tipos de mulher (tradicional/não tradicional) se dirigem as atitudes sexistas masculinas e o sexismo ambivalente, utilizámos a análise factorial de correspondência e a análise multivariada Homals, na definição dos traços predominantes com que os homens classificam as mulheres e intercorrelacionámos os valores encontrados com o ASI e a SATWS. A título meramente elucidativo efectuámos ainda uma tabela de correspondências de auto-categorização masculina.

Os resultados obtidos sobre a diferenciação de categorias sexuais, estão de acordo com os do estudo 2⁵⁴, ou seja, os indivíduos que revelam níveis mais elevados de sexismo hostil, são os que classificam as mulheres como complicadas, faladoras e ciumentas. Estes traços inserem-se na dimensão 1, situando as mulheres na esfera da sociabilidade negativamente conotada (vs. Instrumentalidade).

Os indivíduos que revelam níveis mais elevados de sexismo benevolente, são os que classificam as mulheres como amorosas, atraentes, sensuais, carinhosas e apaixonadas. Estes traços inserem-se na dimensão 2, ligada à esfera da afectividade vs actividade.

Assim, ao interpretarmos os nossos resultados, vimos que o sexismo hostil, seja qual for o nível, se dirige especificamente às mulheres

⁵³ Nadler & Morrow, 1959. Authoritarian attitudes toward women and their correlates. *Journal of Social Psychology*, 49, (113-123).

⁵⁴ Glick, P., Diebold, J. e Bailey-Werner, B., 1997. The two faces of Adam: Ambivalent Sexism and Polarized Attitudes Toward Women. *Personality and social psychology: Bulletin*, vol. 23, nº 12, (1323-1334).

que são caracterizadas num universo semântico de sociabilidade negativa, o que, para nós, corresponde a uma imagem negativa da mulher tradicional (conflituosa, intriguista). O sexismo benevolente representa a mulher de uma outra forma, englobando os aspectos mais positivos da imagem tradicional da mulher (afectuosa, amiga).

O sexismo ambivalente tem também uma representação da mulher que é, também ela, ambivalente, mas nunca marcada por traços de instrumentalidade (trabalhadora, organizada) ou de actividade (determinada, inteligente). Demonstra-se uma co-existência dos atributos positivos e negativos da mulher tradicional e quase que diríamos que se evidencia uma exclusão da imagem da mulher não tradicional, enquanto relacionada com a esfera da multifuncionalidade.

Resumindo

- Existe polarização e ambivalência nas atitudes sexistas masculinas (mulheres de valeta/mulheres de pedestal), ou seja, mulheres de quem os homens não gostam e mulheres de quem os homens gostam;
- Não existe sub-tipificação na concepção categorial entre mulheres tradicionais (domésticas) e mulheres não tradicionais (de carreira/independentes);
- A caracterização das mulheres é direccionada para uma imagem feminina unidimensional, situada unicamente na esfera dos afectos e desprovida da esfera da instrumentalidade, não sendo estes atributos sequer conceptualizados.

De acordo com os resultados enunciados e com a investigação efectuada, podemos inferir que o sexismo nos homens portugueses se deve a duas ordens de factores radicados na ancestralidade, Patriarcado e Reprodução, ou seja:

- Manutenção da sociedade portuguesa com um tipo de estrutura patriarcal;
- Manutenção da imagem da mulher tradicional, estereotipada sob o aspecto da sexualidade.

Constatamos assim que, tanto nos homens escolarizados, como nos não escolarizados, o núcleo activador dos dois tipos de sexismo ambivalente não se situa no tipo de funções exercidas pelas mulheres, visto não se constituírem, ainda, como opositoras no campo profissional aos níveis mais elevados, daí a dimensão da dominância e instrumentalidade ter sido excluída na sua categorização.

Sob o ponto de vista teórico-conceptual e de acordo com a teoria do sexismo ambivalente, poderemos dizer que, na sociedade portuguesa, o sexismo masculino se radica na disputa das diversas formas de poder (patriarcado), manifestando-se como paternalismo dominador (sexismo hostil) e paternalismo protector (sexismo benevolente). Radica-se,

ainda, na afirmação da sexualidade masculina (reprodução), manifestando-se como heterossexualidade hostil (a mulher tida como objecto sexual - SH) e heterossexualidade íntima (a mulher tida como complementar - SB).

O sexismo ambivalente engloba portanto, as mulheres que, de algum modo, se opõem ao poder masculino e as que, aparentemente o aceitam, quer este se revele sob a forma de hostilidade quer de benevolência. Poderemos considerar que os nossos estudos corroboram a teoria do sexismo ambivalente proposta pelos autores.

Conclusões

*"Temos prostitutas para nosso divertimento, concubinas para nos servir, e esposas para a criação da descendência legítima."*⁵⁵

A reflexão da Humanidade, desde a emergência do pensamento, focalizou-se no que lhe era dado observar: o firmamento, a natureza e o corpo. O corpo, enquanto lugar primordial de observação constante, apresenta, desde logo, como traço fundamental que o define, a diferença sexuada e o desempenho dos sexos na reprodução.

Esta oposição essencial é, sem dúvida, um dos *themata* arcaicos presente em todo o pensamento científico, desde a Antiguidade até à Modernidade que, consequentemente, se introduziu em todos os sistemas de representação, enquanto suporte dialéctico das ideologias.

Assim se construíram, modernamente, as grelhas de classificação do género feminino e masculino, determinando, a nível teórico e conceptual, a construção social dos géneros. A caracterização deu origem à categorização, as representações da pessoa sexuada deram origem à repartição das tarefas, tais como, hoje em dia, se vivem nas sociedades ocidentais e orientais, ditas industrializadas ou pós-industrializadas.

Embora pertencendo a um simbólico universal, a construção das diferenças é de índole cultural e não de natureza biológica e no decorrer dos séculos tem servido para reiterar desigualdades sociais.

As mulheres acedem, cada vez mais, às tarefas ditas masculinas. A dimensão instrumental de multifuncionalidade começa a ser um campo em que também se afirmam, enquanto a expressividade e a afectividade, dimensão rotulada como de pertença exclusiva do género feminino, começa também a imiscuir-se no género masculino. Mesmo assim, continua a existir, nas actuais sociedades, o domínio da competência do masculino, afirmando-se na religião, na política ou no trabalho.

Assim, relembando a definição dos objectivos que nos propusemos e os nossos resultados, podemos concluir que:

- O aumento da escolaridade está muito associado à diminuição do sexismo masculino;

⁵⁵ Demóstenes, século IV a.C.

- A idade não está tão claramente associada ao sexismo masculino, notando-se apenas a sua influência articulada com a escolaridade no caso do SB e do SA;
- O sexismo masculino não foi erradicado da nossa sociedade e apresenta-se também sob a forma de sexismo ambivalente (hostil/benevolente). Contudo, de acordo com os resultados obtidos, é lícito supor-mos que teria níveis mais elevados, três décadas atrás, devido ao nosso nível de instrução ser inferior.

Após esta reflexão temática e apesar de não termos seguido uma análise formal de conteúdo, a interpretação sobre as respostas que obtivemos sugere que, na actual sociedade portuguesa, o preconceito do sexismo masculino face às mulheres ainda está presente, embora de forma moderada, reflectindo-se tanto sob a forma de atitudes sexistas, como de sexismo ambivalente. Os nossos resultados mostram ainda que tanto o sexismo hostil, como o benevolente, negam às mulheres uma imagem não tradicional, de instrumentalidade, actividade e competência. Ambas as visões a colocam na esfera da sociabilidade e dos afectos, sendo a diferença dada pela conotação da imagem que num caso é positiva (sexismo benevolente) e noutro é negativa (sexismo hostil).

Será lícito então afirmar que os homens sexistas da sociedade portuguesa avaliam e classificam as mulheres como mulheres de valeta e mulheres de pedestal?

Os nossos resultados parecem apontar nesse sentido, mas é uma interrogação que poderá ser um desafio para o início de uma próxima investigação.

Referências Bibliográficas

- Alberoni, F. (1990). *Génese*. Lisboa, Bertrand Editora.
- Allen-Gomes et al. (1997). *Revue Alternative* (1973). In *Sexologia em Portugal*, vol. II. Lisboa. Texto Editora.
- Allen-Gomes et al. (1997). *Sexologia em Portugal*, vol. II. Lisboa. Texto Editora.
- Allport, G. W. (1954). *The nature of prejudice*. Reading, M. A. Addison-Wesley.
- Amâncio, L. (1988). Dimensões de comparação e discriminação intergrupos. Uma abordagem psicossociológica das relações entre grupos dominantes e dominados. *Análise psicossociológica*, vol. VI, nº 3 – 4, (307-19).
- Amâncio, L. (1994). *Masculino e Feminino, A Construção Social da Diferença*. Porto, Edições Afrontamento.
- Amâncio, L. (1995). *Género e Ciência no Percorso da Psicologia Social*. Seminário Estudos sobre as Mulheres. Lisboa, in Nogueira, C. (1996). Tese de Doutoramento Um Novo Olhar sobre as Relações Sociais do Género. Universidade do Minho. Braga.
- Ashmore, R. D. & Del Boca, F. K. (1979). Sex stereotypes and inflicted personality theory: Towards a cognitive-social psychological conceptualisation. *Sex roles* 52, (219-248).
- Assor, A., Aronoff, J. & Messe, L., (1981). Attribute relevance as a moderator of effects of motivation on impression formation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 41, (789-796).
- Assor, A., Aronoff, J. & Messe, L., (1986). An experimental test of defensive processes in impression formation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, (644-650).
- Badinter, E. (1986). *L'un est l'autre. Des relations entre hommes et femmes*. Paris, Editions Odile Jacob.
- Badinter, E. (1992). *XY. A Identidade Masculina*. Lisboa. Edições Asa.
- Bargh, J. A. & Raymond, P. (1995). The naive misuse of power: Nonconscious sources of sexual harassment. *Journal of Social Issues*, 51, (85-96).
- Barthes, R. (1976). *Análise estrutural da narrativa*. Lisboa, Ed. Vozes.
- Beauvoir, S. (1949). *Le deuxième sexe*. Paris. Ed. Gallimard.
- Bem, C. L. (1993). *The lenses of gender*. In Nogueira, C. (1996). Tese de Doutoramento Um Novo Olhar sobre as Relações Sociais do Género. Universidade do Minho. Braga.
- Benson, P. L. & Vincent, S. (1980). Development and validation of the sexist attitude towards human scale (SATWS). *Psychology of human quarterly*, Vol. 5(2), (276-291).
- Borin, F. (1991). *A História das Mulheres. Uma pausa para a imagem*, 3º vol.. Porto. Edições Afrontamento.
- Caillouis, R. (1938). *Le mythe et l'homme*. Paris. Ed. Gallimard.
- Chauncey, G. (1983). *From sexual inversion to homosexuality: the changing medical conceptualization of female deviance*. *Salmagundi*, 58-59, (114-146).
- Cherlin, A. (1981). *Marriage, Divorce, Remarriage*. Cambridge. Harvard University Press.
- Grampe-Casbanet, M. (1991). *A Mulher no Pensamento Filosófico do Século XVIII* in Duby, G. & Perrot, M. (Eds.) *A História das Mulheres*, vol. 3. Porto. Edições Afrontamento.
- Deaux, K. & Keite, M. (1985). Gender stereotypes: some thoughts on the cognitive organization of gender-related information. *Academic Psychology Bulletin*, 7 (123-144).
- Deaux, K. (1985). Sex and gender. *Annual Review of Psychology*, 36, (49-81).
- Degler, C. (1974). What ought to be and what was: women's sexuality in the nine-teenth century. *American historical review*, 79, (1467-1490).
- Dehumeau, J. (1996). In Vincent, J. (1996). *La chair et le diable*. Paris. Éditions Odile Jacob.
- Demóstenes (século IV a.C.). In Glick, P., Diebold, J. & Bailey-Werner, B. (1997). The two faces of Adam: Ambivalent Sexism and Polarized Attitudes Toward Women. *Personality and social psychology. Bulletin*, vol. 23, nº 12, (1323-1334).
- Denzin, N. K. (1995). In Nogueira, C. (1996). Tese de Doutoramento Um Novo Olhar sobre as Relações Sociais do Género. Universidade do Minho. Braga.
- Deschamps, J.-C. (1979). Differentiation catégorielle et differentiation de soi par rapport à autrui. *Recherches de psychologie sociale*, 1, (29-38).
- Deschamps, J.-C. (1982). Social identity and relations of power between groups. In Tajfel, H. (org.), *Social Identity and Intergroup Relations*. Londres/Paris. Cambridge University Press. Maison des Sciences de l'Homme.
- Doise, W. (1984). *A articulação psicossociológica e as relações entre grupos*. Lisboa. Morais Editores.
- Doise, W. (1985). Differentiation entre groupes, prototypes et representations sociales. *Rassegna di Psicologia*, 2, 3 (13-29).
- Doise, W. & Weinberger, M. (1972-1973). Representation masculine dans différentes situations de rencontres mixtes. *Bulletin de Psychologie*, 24, (305), (649-657).
- Duby, G. (1992). *Amor e sexualidade no ocidente*. Lisboa. Ed. Terramar.
- Eagly, A. H. & Mladinic, A. (1989). Gender stereotypes and attitudes toward women and men. *Personality and Social Psychology. Bulletin*, 15, (543-558).
- Eagly, A. H. & Mladinic, A. (1993). Are people prejudiced against women? Some answers from research on attitudes, gender stereotypes, and judgements of competence. *European review of social psychology*. New York. John Wiley, (1-35).
- Eagly, A. H. (1987). *Sex differences in social behaviour: A social-role interpretation*. Hillsdale, N. J., Earlbaum.
- Farage, A. & Davis, N. Z. (1991). Introdução in Duby, G. & Perrot, M. (Eds.) *História das Mulheres*. Porto. Edições Afrontamento.
- Fiske, S. & Neuberg, S., (1990). A continuum of impression formation, from category-based to individuating processes: Influences of information and motivation on attention and interpretation. In Zana, M. P. (Ed.). *Advances in experimental social psychology*, vol. 23, (1-74). New York, Academic Press.

- Fiske, S.T. & Stevens, L. (1993). What's so special about sex? Gender stereotyping and discrimination. In Oskamp, S. & Costanzo, M. (Eds.). *Gender issues in contemporary society. Applied social psychology annual*. Newbury Park, CA: Sage, (173-196).
- Foucault, M. (1976). *História da Sexualidade*. Lisboa. Ed. Relógio de Água.
- Foucault, M. et al. (1983). *Sexualidades ocidentais*, Ed. Contexto.
- Freud, S. (1966). *Les trois essais sur la théorie de la sexualité*. Paris. Ed. Gallimard.
- Freud, S. (1997). *Mal estar na civilização*. Lisboa. Ed. Imago.
- Giddens, A. (1995). *Transformações da intimidade. Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*. Oeiras. Celta Editores.
- Glick, P. & Fiske, S. (1996). The ambivalent sexism inventory: Differentiating Hostile and Benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70, (491-512).
- Glick, P., Diebold, J. & Bailey-Werner, B. (1997). The two faces of Adam: Ambivalent Sexism and Polarized Attitudes Toward Women. *Personality and social psychology Bulletin*, vol. 23, nº 12, (1323-1334).
- Godelier, M. (1978). Les rapports hommes-femmes: le problème de la domination masculine. In Cerm (org). *La condition féminine*. Paris. Editions Sociales.
- Graves, R. (1990). *Os mitos gregos*. Lisboa. Publicações Dom Quixote.
- Gray, J. (1992). *Os homens são de Marte, as mulheres são de Vênus, temas e debates*, Ed. Rocco.
- Haddock, G., Zana, M.P. & Esses, V.M. (1993). Assessing the structure of prejudicial attitudes: The case of attitudes toward homosexuals. *Journal of Personality and Social Psychology*, 65, (1105-1118).
- Hall, D. L. (1976). The social implication of the scientific study of sex. Barnard Conference.
- Hall, D. L. (1979). Biology, sex hormone, and sexism in the 1920s. In *Human and philosophy: toward a theory of liberation*, C. Gould & M. Wartofsky (Eds.) New York, G. P. Putnam's Sons.
- Hartnett, O. (1978). Sex role stereotyping at work. In J. Chetwind & O. Hartnett (orgs.). *The sex role system. Psychological and Sociological Perspectives*, Londres, Routledge.
- Héritier, F. (1996). Masculino e Feminino. O pensamento da diferença. *Epistemologia e Sociedade*. Lisboa, Ed. Instituto Piaget.
- Horkheimer (1983). *La dialectique de la raison*. Paris. Ed. Gallimard.
- Hurtig, M. C. & Pichevin, M. F. (1986). *La difference des sexes*. Paris. Ed. Tierce.
- Husain, S. (1997). *Divindades femininas*. Lisboa. Ed. Teográfica.
- Irvine, J. M. (1990). From difference to sameness: gender ideology in sexual science. *The Journal of Sex Research*, vol. 27, nº1, (7-24).
- Jaggar, A. M. & Struhl, P. R. (1978). *Feminist frameworks: Alternative theoretical accounts of relations between men and women*. New York, Mc Graw Hill, 1978.
- Janus, S., Bess, B. & Saltus, C. (1977). *A sexual profile of men in power*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Jones, G. & Jacklin, C. (1988). Changes in Sexist Attitudes Toward Women During Introductory Women's and Men's Studies Courses. *Sex Roles. Journal of Research*, vol. 18, nº 9 e 10. (611-622).
- Jung, C. (1957). In Bernos, M. et al. (1991). *O fruto proibido*. Ed. 70.
- Jung, C. (1957). In Singer, C. (1983). *La femine et les medecins*. Paris. Hachette.
- Jung, C. (1984). In Allen Gomes, et al. (1987). *Sexologia em Portugal*, vol 2. Lisboa. Texto Editora.
- Katz, I. (1981). *Stigma: A social psychological analysis*. Hillsdale, NJ, Lawrence Erlbaum.
- Kinsey, A. (1948). In Irvine, J. M. (1990). From difference to sameness: gender ideology in sexual science. *The Journal of Sex Research*, vol. 27, nº 1, (7-24).
- Kinsey, A. et al. (1953). *Sexual behavior in the human female*. New York, Pocket Books.
- Knibichler, Y. & Fouquet, C. (1983). *La femme et les medecins*. Paris. Hachette.
- Lehr, T. (1999). USA Facts. Dados não publicados. Disponíveis na Internet: <http://www.wsu.edu/~twl/adrenal/>
- Lipovetsky, G. (1992). *A era do vazio. Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Porto, Ed. Antropos.
- Lipovetsky, G. (1994). *O crepúsculo do dever. A ética indolor dos novos tempos democráticos*. Publicações D. Quixote.
- Lorenzi-Cioldi, F. (1983). L'analyse factorielle des correspondances dans les sciences sociales. *Revue Suisse de Sociologie*, 2, (365-390).
- Lorenzi-Cioldi, F. (1988). *Individus dominants et groupes dominés. Images masculines et féminines*. Grenoble, Presses Universitaires.
- Malinowski, B. (1963). In Eliade, M. (1982). *Aspectos do mito*. Lisboa. Ed. 70.
- Malinowski, B. (1993). In Jabouille, V. (1993). *Do mylthos ao mito*. Lisboa. Ed. Cosmos.
- Marcuse, H. (1969). *Um ensaio para a libertação*. Ed. Informação e Política.
- Marques, A. M. (1998). *As árvores de Deus e as suas flores. Psicologia social das relações amorosas*. Edições Fim de Século.
- Morin, E. (1990). *Os problemas de fim de século*. Lisboa. Ed. Notícias.
- Morris, D. (1998). *Os sexos humanos*. Lisboa. Ed. Terramar.
- Mosher, D. & Sirkin, (1984). In Mosher, D. & Tomkins, S. (1988). Scripting the Macho Man: Hypermasculine Socialization and Enculturation. *The Journal of Sex Research*, vol. 25, Nº1, (60-84).
- Mosher, D. & Tomkins, S. (1988). Scripting the Macho Man: Hypermasculine Socialization and Enculturation. *The Journal of Sex Research*, vol.25, Nº1, (60-84).
- Moskovitz, A. (1999). The Prejudices of Sexism and Heterosexism. Theoretical paper. *Psych-E*. Vol.2.
- Moya, F. (1998). Sexismo ambivalente: medicion y correlatos. *Revista de Psicologia Social*, vol 13 (2), (159-169).
- Nadler & Morrow (1959). Authoritarian attitudes toward women and their correlates. *Journal of Social Psychology*, 49, (113-123).
- Neves, H. (1987). In Allen-Gomes, et al. (1987). O movimento feminista. *Sexologia em Portugal*, vol. 2. Lisboa. Texto Editora.
- Nogueira, C. (1996). Um novo olhar sobre as relações sociais do género. Tese de Doutoramento. Braga. Universidade do Minho. Instituto de Educação Psicológica.
- Pinto Correia, C. (1999). *O mistério dos mistérios*. Lisboa. Ed. Relógio de Água.
- Reich, W. (1977). *Materialismo dialéctico e Psicanálise*. Biblioteca das Ciências Humanas.
- Rosenkrantz, P. S., Bee, H., Vogel, S. R. & Broverman, I. K. (1968). Sex role stereotypes and self-concepts in college students. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 32, 3, (287-295).
- Ruffié, J. (1987). *O sexo e a morte*. Ed. Ciência Nova. Lisboa. Publicações D. Quixote.
- Russet, C. (1987). *Sexual science: the victorian construction of womanhood*. Cambridge, Harvard University Press.
- Santos, B. S. (1994). *O social e o político na pós-modernidade*. Porto, Edições Afrontamento.
- Scott, G. G. (1983). *Erotic power: An exploration of dominance and submission*. Secaucus, NJ, Citadel Press.
- Six, B. & Eckes, T. (1991). A closer look at the complex structure of gender stereotypes. *Sex roles*, 24, (57-71).
- Snitow, A. (1989). Pages from a gender diary: Basic divisions in feminism. *Dissent*, Spring, (205-224).
- Spence, J. T. & Helmreich, R. (1972). The attitudes toward women scale. *JSAS Catalog of Selected Documents in Psychology*, 2, Ms. (153).
- Spence, J. T. & Sawin, L. L. (1984). Images of masculinity and femininity: A reconceptualization. In O'Leary, V., Unger, R. & Wallston, B. (Eds.). *Sex, gender and social psychology*. Hillsdale, NJ, Erlbaum. (35-66).
- Spence, J. T., Helmreich, R. & Stapp, J. (1973). A short version of the attitudes toward women scale (AWS). *Bulletin of the Psychonomic Society*, 2 (219-220).
- Tajfel, H. (1981). *Grupos humanos e categorias sociais*. Lisboa. Livros Horizonte, 2 Vol.
- Tavris, C. & Wade, C. (1984). *The longest war* (2nd Ed.). San Diego, CA, Harcourt Brace Jovanovich.

- Taylor, S. E. (1981). A categorization approach to stereotyping. In Hamilton, D. (Ed.). *Cognitive processes in stereotyping and intergroup behavior*. Hillsdale, NJ, Lawrence Erlbaum.
- Tomkins, S. S., (1962 e 1979). In Mosher, D. & Tomkins, S. (1988). Scripting the Macho Man: Hypermasculine Socialization and Enculturation. *The Journal of Sex Research*, vol. 25, Nº 1, (60-84).
- Torres, A. (1996). *Divórcio em Portugal, ditos e interditos. Uma análise sociológica*. Oeiras, Celta.
- Turner, J. C. & Giles, W. (1981). *The social psychology of intergroup behaviour*. Oxford, Basil Blackwell.
- Unger, R. K. (1979). Pour une nouvelle definition du sexe et du genre. In Hurtig, M.C. e Pichevin, M. F. (1986). *La difference des sexes*. Paris. Editions Tierce.
- Vincent, J. (1996). *La chair et le diable*. Paris. Ed. Jacob.
- Volle (1980). *Analyse des données*. Paris. Económica, 2ª Ed.
- Weeks, J. (1981). *Sex, politics and society: the regulation of sexuality since 1800*. New York, Longman.
- Wittgenstein, L. (1972), *Tractatus logico-philosophicus*. Paris. ID Gallimard.
- Worrell, J. & Worrell, L. (1971). Supporters and opposers of women's liberation: Some personality correlates. Symposium presented at the meeting of the American Psychological Association. Washington, D.C.